

Angélica Vier Munhoz
Cristiano Bedin da Costa
Sergio Andrés Lulkin
(Organizadores)

PORQUE ESPERAMOS
[notas sobre a docência, a obsolescência e o vírus]

1º Edição

Porto Alegre
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Zona de Investigações Poéticas

2020

#I

- edições autonomaz - -

Organização: Cristiano Bedin da Costa, Angélica Vier Munhoz e Sergio Andrés Lulkin

Montagem: Cristiano Bedin da Costa

Todas as notas foram escritas entre os meses de abril, maio e junho de 2020, durante período de isolamento social relativo ao novo coronavírus. A responsabilidade pela revisão e pelo conteúdo dos textos é dos autores e das autoras. A ordem de apresentação corresponde à de envio.

Zona de Investigações Poéticas

autonomaz@ufrgs.br

www.facebook.com/autonomaz

www.instagram.com/autonomaz



Este texto é disponibilizado nos termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

P837

Porque esperamos [notas sobre a docência, a obsolescência e o vírus] / Angélica Vier Munhoz, Cristiano Bedin da Costa, Sergio Andrés Lulkin (organizadores) - 1.ed. - Porto Alegre: UFRGS, 2020.
100 p.

ISBN 978-65-86232-26-4

1. Formação de professores I. Munhoz, Angélica Vier II. Costa, Cristiano Bedin da III. Lulkin, Sergio Andrés IV. Título.

CDU: 371.13

Bibliotecária: Ana Gabriela Clipes Ferreira CRB-10/1808

(a senha é amor)

Políticas do Texto

Ademiel de Sant'Anna Júnior; Adriel Giordani Christ; Amanda Cappellari;
Amanda Corrêa Rocha; Anna Letícia Ventre; Daniel Leal Racheli da Silveira; Eduardo
Cristiano Althaus; Elisandro Rodrigues; Gabriel Medeiros Escobar; Giovana dos Passos
Colling; João Camilo Grazziotin Portal; João Luís Miola; Kauan Santos Almeida; Laura
Barcellos Pujol de Souza; Laura Coelho Schaefer; Letícia Maísa Eichherr; Lidiele Berriel
de Medeiros; Lucas Boeira Bittencourt; Luciano Bedin da Costa; Luis Henrique Da Silva
Souza; Mirela Massia Sanfelice; Sharyel Barbosa Toebe; Vitória Moro Bombassaro

Notas produzidas au séminaire [a imagem é barthesiana, sim], nos encontros remotos-
desejantes Políticas do Texto V: topografias poéticas, vinculados ao Programa de Pós-
Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do
Sul - UFRGS.
politicasdoutexto@gmail.com

I.

tem poemas que não deveriam ser lidos em voz alta
mas em notas atordoadas do corpo em conjunto
aquele do qual não sabemos ou queremos nos separar.
poemas lidos em vôos loucos de nossas próprias notas de rodapé
na estante de casa
secretas notas de poeira gritam alto
crescem sob a mudez luta tua
também luta nossa
trocando ar dos pulmões
do pulmão catástrofe
ao pulmão poesia

agora estamos juntos:

essa é a nossa (grande) fantasia
de sobrevivência

II.

tem poemas que não deveriam ser escritos em voz alta
mas em escritas de gira-gira
letras nauseadas, palavras cata-ventos
frases de tontura.
frases sob tortura.
manifesto que levanta - ainda aos tropeços -
em apelo ao igualmente cambaleante parceiro-bambolê
que se tomou pela nossa tontura e tombou junto a nós.
adentrar a eternidade do círculo
p e r m a n e n t e m e n t e

porque
não
existe
palavra
para
vomitar
Isso
que é a
grande
(des) graça
de se embriagar
em palavras.

encontros na queda.
 escritas em queda.
como quem alcança a mão.

nem totalmente vivos,
nem mortos, seguimos
(parciais pardais voando sós)
em retiros intermitentes
horizontalmente isolados
respaldados pela ciência
em exercício de paciência
embriagados de poesia
escrevendo no contrapé da sabedoria
 é fogo
 é uivo
 é via

II.I
trago,
o necessário
trago,
as dores
trago,
as alegrias
trago,
as cicatrizes
trago,
as forças
trago,
além de fronteiras
embriago
quem posso ser
para desdosar um eu
para dosar um nós.

III.
em tempos virais,
impressões digitais
corações de led
[solidão povoada]
escrevemos antes da escrita,
do poema-bomba porvir - virá? será?
 agora sabemos do céu
 e de nós
espectadores da própria queda,
nós, sapiens, nos esqueceremos amanhã?

quantas vezes a história se repete até que

poesia
poesia
poesia
até se esquecer
pela memória.

III.I

memórias aquecidas nas conversas de chat

cará(c)ter escorregadio
fantasiar um seminário
(passar bilhete em aula)

exercícios de pensamento,
digressão
fagulhas.

(consegues escrever?)

vou escrever por aqui, soletrar algumas sílabas.
capturar as nossas anotações a(tordo)adas

eu gosto daquilo que me estraçalha.
de sentir o peito rasgar
suor
lágrimas
fadiga

caderno de anotações.

gesto de pesquisa
leitura
escrita.

microfone (des)ativado
(silêncio que fala)
(fala pequena sem imagem).
colagem
montagem
poesia
curadoria narrativa.

IV.

a lon gar
a lon gar -se
a l o n g a r lon gar -se

alongar-se
dar mais tempo
alongar-se
dar mais espaço no corpo
alongar-se no tempo porvir
alongar-se no corpo a se tocar
No corpo a ser tocado no tempo porvir

corpos que se tocam no encurtar das distâncias
cortadas pelas lâminas dos acenos -, (sim Briveira)

Não é solidão.

- Sim, tô aqui!
- Eu também!

corpos que se olham
No limiar da errância
de ti não sei nada
de mim, tampouco.

V.

Nós, as cobaias descartáveis
acúmulo material
de asas curtas e pés flácidos

Nós, os devoradores de bomba
súditos alegres
do tempo dos tornozelos

Nós, os universais singulares
da palavra encruzilhada
do mundo de cabeças viradas

Nós, os confinados rebeldes
espectadores silenciosos
dos pássaros por detrás da janela

seivas misteriosas
estranha mata
de língua bífida

rostos estilhaçados pelos pixels
camuflando a graça das feições
vultos híbridos olhando-se
criando novas fisionomias
espiral de
traços dissidentes
gestos congelados
vozes rompidas
insurgem como podem
em acordo mútuo
delicada coragem de permanecer

Nós, os bipartidos do espelho
gestados no ventre
de uma luta cruel

Nós, os esperançosos
de uma futuridade imaginativa
que especula a partir da lembrança

Nós, que criamos a lembrança
que salvamos os arquivos com cuidado
saudando todas as distâncias
afirmando a ausência

Nós, corpos desencontrados
despedaçados,
nós que se desfazem
formando nó(vo)s
esperando um amanhã incerto
(alguma vez tivemos certeza?)

Nós, os esperançosos
esperamos porque desejamos outra dobra do vírus,
outra dobra desse tempo viral
onde não desejamos mais a alienação pelo excesso de tanta informação
desejamos poesia, arte, música
(Sim, Pucheu),
"em um momento de horror como o que vivemos, a poesia é mais que necessária
é filosófica, histórica, sociológica, antropológica, pedagógica"
é política, estética, criativa
é inspiração - expiração - respiração

em tempos de piração a poesia nos chega
às costas do lirismo dos acentos
da palavra pouco eloquente
sem "aspas", grifo, itálico
queda livre à

lu

ci

dez

dez vezes, se preciso,
dez vozes, se possível.

Nós, que só temos a escrita
(e lemos contigo, Pucheu)
pra lutar,
viver
e insistir.

VI.
surdina,
pelas frestas
completo teu rosto impreciso
poemando
com a imaginação
memória aos pedaços
ao encontrar seu eu mascarado
na rua
a casa é uma cidade
pequenos espaços
você, nós, amor,
carne - osso - pele

seu sorriso adivinho embaixo do tecido
jazigos submersos
bastam os olhos
basta a presença
talvez a gente consiga trajés espaciais.

VII.
É na solidão do concreto que encontro o animal que habita
que deseja a fogueira
o calor
outrém
aquém

por uma persistência revolucionária do amor
insistir é preciso
navegando
vagando
abrindo água na água
crianças gestos incompletos de agarrar as ondas com as mãos.
na espuma dos dias
em marasmo.
com asma,
o mar.
ao mar.
amamos. amaremos.

(sim, Briveira),
“amar na vida ou na morte é um privilégio”

a-mar na vida
[o amor como pequena ilha de presença no mar do tempo]
amar na vida com toda sorte que nos cabe
e que nos é direito
amar na vida como trote,
golpe de sorte no sufoco da asma,
da tosse suspeita
da palavra com 37 e meio de febre
para então surdinarmos,
na brisa-parapeito
à janela
à espera
à espreita

saudade de tomar banho
de chuva
contigo
comigo
sentir os pingos caindo
um
por
um
pensávamos nunca ter fim
(e) acabou.
recomeços
entre tropeços.

façamos chover dentro da gente
façamos chover nossas lágrimas
bolhas de água
a apagar cifras de poeira

submerso
sub-verso
respiramos

Nós
(dentro e fora do poema)
Na voz que se desfalece em pranto e riso
diante da nossa própria lucidez,
É o compasso quem dá ritmo
(ao poema e à vida)

VIII.

A sensação que precede o vômito
(sim, Adorno).
Os milésimos de segundos
antes do soco atingir o rosto
O corpo
em queda livre
As borboletas
no estomago
O pensamento
não pensado antes do gesto
O frio
na espinha
O afeto
que é matriz do pensamento
O chiado
que anuncia o som do vinil
Uma vida
é o que pode (quem sabe?)
dar sentido à morte.

IX.

quando morreremos
encontre nossa obra
em pastas na área de trabalho
em HDs externos
na nuvem
(a senha é amor)

Referências

BARTHES, Roland. Au Séminaire. In:_____. O rumor da língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 412 - 424.

BRIVEIRA, Rodrigo. Deve ter Fim. Pará: Edições ¼, 2018.

_____. Uivo. In: COSTA, Luciano. MARQUES, Diego (orgs). A hora do pesadelo: paixões distópicas em educação. Sulina: Porto Alegre, 2018, pg. I43 - I45.

PUCHEU, Alberto. Poema para catástrofe do nosso tempo. Disponível em:

<https://revistacult.uol.com.br/home/poema-para-catastrofe-do-nosso-tempo/> Acesso 22 mai, 2020.

_____. Poemas para ler antes das notícias. Editorial Cult: Antologia Poética, Número I, 2018, pg. 04-05.

